
HELSINQUE – Sessão Entre as Comunidades: Projeto da Estrutura de Princípios para os futuros CCWGs
Quarta-feira, 29 de junho de 2016 – 17:00 às 18:30 EEST
ICANN56 | Helsinque, Finlândia

MARY WONG:

Boa tarde, vamos começar com essa próxima sessão que vai ser uma sessão de diálogo com a comunidade sobre a elaboração de um marco de princípios uniformes para formação e operação dos grupos de trabalho intercomunitários, por favor, então tomem os seus assentos, vamos começar daqui a pouco.

Oi, estamos por começar esta sessão. Já começamos com a gravação, convido todos vocês a tomarem os seus assentos.

Então agora já estamos começando a sessão e sejam bem-vindos a esse diálogo comunitário para elaborar um marco de princípios para uniformes para a formação de grupos intercomunitários de trabalho que cada vez são mais confiáveis para nossa comunidade da ICANN.

Eu sou Mary Wong, meu colega que está aqui é Steve Chan, aqui também meu outro colega, que é bem alto, Bart Boswinkel, somos membros da ICANN e agora vou passar o microfone para os copresidentes do grupo de trabalho, um da ccNSO Becky Burr e outro da GNSO John Berard.

Observação: O conteúdo deste documento é produto resultante da transcrição de um arquivo de áudio para um arquivo de texto. Ainda levando em conta que a transcrição é fiel ao áudio na sua maior proporção, em alguns casos pode estar incompleta ou inexata por falta de fidelidade do áudio, bem como pode ter sido corrigida gramaticalmente para melhorar a qualidade e compreensão do texto. Esta transcrição é proporcionada como material adicional ao arquivo de áudio, mas não deve ser considerada como registro oficial.

BECKY BURR:

Muito obrigada.

Eu tenho uma contribuição para isto e eu acho que não temos um número para associar a tudo isso, então quando falamos da CCWG falamos das convocatórias, nós chamamos esses telefonemas de 754 e agora eu proponho uma coisa que seja a marca registrada da CCWG para evitar associar números com a quantidade de chamadas.

Então eu vou passar agora o microfone para o trabalho a fundo.

JOHN BERARD:

Aqui é John Berard, eu sou John Berard. Fui designado copresidentes para esse grupo de trabalho e a luz de quanta atenção tem tido esses grupos intercomunitários dentro e fora da comunidade acho que seria útil falar um pouco sobre como nós chegamos até esse ponto aqui.

Nosso trabalho é bem anterior da situação dos grupos de trabalho intercomunitários. Vai bem pra trás, até o ano 2009, quando fizemos parte do grupo de IDN e depois em 2011 quando houve um grupo de trabalho de apoio aos novos solicitantes e depois em 2012 quando a GNSO percebeu que isso tinha sido tão bem sucedido, esse novo método. Houve a sugestão de que

observássemos porque e como os grupos intercomunitários poderiam ser mais eficazes.

Então em 2012 a GNSO, por iniciativa própria, criou um grupo de trabalho para examinar princípios e operações dos grupos intercomunitários. Que nos levou a nada, porque trabalhamos juntos sozinhos.

Em 2015 convidamos o pessoal da ccNSO, como colegas e copresidentes e com o grupo de trabalho que tinha sido empodeirado em 2014 em que foi o ano em que houve expansão de todos esses grupos intercomunitários e um deles foi começado como CO que sugeriu já desde o pacto de qualquer um que estiver interessado deveria reunir-se no fundo da sala e essa foi uma nova plataforma que começamos para as nossas deliberações e que nos levou a um conjunto de princípios que foram redigidos em fevereiro e houve muitas pessoas que responderam a essa convocação e que leram esses princípios e responderam.

Então nós propomos observar esses grupos intercomunitários não como entidade estática, mas dinâmica. Isso observado através da lente do ciclo de vida e se vocês observam o documento vocês vão ver a capacidade de como iniciar um grupo intercomunitário e como formar um desses grupos, regras operacionais, capacidade e métodos para fazer recomendações,

adoção de conclusões e, inclusive, criar oportunidade para uma atividade pós-implementação por parte do grupo intercomunitário para fornecer ajuda e conforto as SOs e ACs antes de implementar isso.

Hoje nós estamos aqui para falar um pouco sobre o *feedback* que recebemos no período de comentários públicos e, como vemos aqui na tela, houve um quarto elemento chave e também um quinto elemento, não sei se é possível de vê-lo. Mas os quatro dos quais ouvimos foram os mais interessantes com perguntas sobre diversidade, também orçamentos, alocação de recursos para o grupo intercomunitário e há definição de consenso nesse contexto e também, claro, a função da equipe para a implementação.

Então nós nos programamos para termos 1 hora e 15 minutos e se dividirmos isso por 4 vezes vamos ter 20 minutos para falar sobre cada um desses 4 assuntos, eu quero entrar já num deles e obter comentários, críticas, contribuições e orientações de todos que estão aqui reunidos sobre cada um desses assuntos para que possamos deliberar e entregar o que foi prometido, isto é, ter completado nosso trabalho antes da reunião na Índia.

Lembraram-me, há uma maneira muito poética em que o juiz federal descreveu o cronograma de um caso judicial e ele disse que espero que possamos acabar antes de que o som da tortuga

soe no bairro do Bronx em Nova Iorque. Bom, é uma expressão americana.

BECKY BURR:

Eu quero que vocês pensem sobre os comentários que fizeram sobre diferentes tópicos, diversidade, orçamento, implementação, etc, consenso também. Vou para outro slide.

Só para garantir que vocês entendam e que vejam os comentários que receberam que são bem sinceros e para finalmente poder criar um relatório final e poder enviá-lo as organizações como a GNSO e a ccNSO que são as comunidades correspondentes aqui.

Então vou começar por aqui mencionando que nós falamos sobre a diversidade, sobre a importância da diversidade a respeito de muitas das questões tratadas, como prestação de contas e o marco aqui, não tem uma recomendação específica mas só diz que a diversidade é importante e também temos ouvido muito sobre alguém que disse, bom, essencialmente isso é muito bom mas vocês precisam de mais, ainda mais.

Não é apenas uma questão de referir-se apenas a questão da diversidade, mas de fazer mais e também uma recomendação que a medida que a carta orgânica é redigida os problemas são designados, as organizações constitutivas devem consultar

antecipadamente certificar-se que haja representação com diversidade e que não seja limitado a regiões geográficas e, obviamente, poderíamos também mencionar uma lista ainda maior e sobre o que é a diversidade, mas eu não quero desviar-me dessa conversa.

O mais importante é termos uma diversidade de perspectivas e obter todas as contribuições da comunidade e que todas essas coisas realmente são muito importantes quanto à diversidade e os tipos de perspectivas que precisamos, dependendo do contexto da pergunta específica que está sendo aqui abordada.

Eu não sei se há algum comentário. Se alguém quer falar alguma coisa

MARILYN CADE:

Meu nome é Marilyn Cade e eu fiquei surpresa quando ficou a luz vermelha do microfone, mas queria fazer um comentário sobre a diversidade e reconhecer a direção na qual os senhores estão indo, que eu acho que é exatamente a certa.

De fato devido a que somos uma organização de política com base quase na tecnologia devemos tratar os temas dos grupos intercomunitários com diferentes tipos de conhecimentos específicos.

Talvez precisamos as vezes muitos conhecimentos técnicos, mas outras vezes precisamos de um leque mais amplo que tem a ver com questões jurídicas, perspectivas de partes interessadas, etc.

Eu acho que a decisão que os senhores tomaram fixa os títulos mais importantes e dentro de cada um dos grupos constituídos podem ver qual é a parte central que deve ser debatida.

Quando falam das quotas ou número determinados eu me oponho totalmente e eu falo porque eu sei que quando se fala da diversidade se fala que apenas podem existir 2 pessoas de um grupo e outras 2 de outro grupo e eu acho que nós temos que ter muito cuidado quanto a excluir algum tipo de contribuição e não de incluir a maior quantidade de opiniões.

Então a forma que estamos tratando essa questão dentro dos grupos intercomunitários é que além dos membros podem estar os participantes e observadores, essas outras duas categorias fazem com que o grupo seja formado por pessoas com conhecimento amplo e especializado.

BECK BURR:

Eu tenho que acrescentar que o nosso grupo de trabalho propõe que numa situação normal, não vão aparecer esses tipos de membros, observadores ou participantes. Vão existir todas

essas categorias para que o grupo esteja formado pela maior quantidade de pessoas e que essas pessoas participem da forma mais completa possível quando, precisamos também ter alguma opinião sobre consenso.

Mais alguém quer falar alguma coisa sobre diversidade?

Kavouss?

KAVOUSS ARASTEH:

Eu acho que a diversidade é uma coisa que deveríamos tratar a um nível muito alto e não ir ao detalhe. Porque, digamos que a diversidade de diversidade está a de gênero, a de idioma, a cultural, a etária, a geográfica, etc.

Então eu acho que temos que tomarmos sentido muito genérico e colocar parâmetro que tenha que ser respeitado, mas não entrar no detalhe, pois senão nunca vamos avançar.

ANDERS HEKTOR:

Obrigado, meu nome é Anders Hektor, eu represento o governo da Suécia perante o GAC.

Eu não participei de forma ativa no CCWG nos últimos tempos, então desconheço essa situação, mas quando falamos de diversidade temos que incluir a diversidade de grupos de partes interessadas que tenham a possibilidade de serem ativos no

trabalho com as chamadas conferências ou listas de distribuição. Porque eu sei que há muitos colegas do GAC que tem muitas coisas para fazer e também tem recursos limitados para participarem nos trabalhos com CCWG por exemplo.

Eu sei que alguns fizeram um trabalho muito importante participando mas infelizmente são poucos, inclusive no meu próprio caso que eu não consegui participar, mas há outros grupos que talvez tenham mais recursos para participar e serem mais ativos nas listas de distribuição de correios eletrônicos e demais. De alguma forma isso limita a diversidade de participação dos grupos. Isso está incluído no conceito de diversidade que comandam os senhores?

BEY BURR:

A estrutura que nós identificamos como comum e devo dizer que isso é um âmbito de trabalho, não são normas fixas, eu diria que todas as SOs e ACs podem se transformar em organizações constituintes e teriam uma representação igual quanto a fazer patê desse grupo, que é o que aconteceu com o CCWG sobre prestação de contas.

A questão que o senhor apresentou eu acho que quando se abre para participantes e estes tem a mesma possibilidade de falar e de participar de uma perspectiva especial, de um assunto em especial, quando há vários grupos incluídos eu não diria que

isso limita a diversidade necessariamente, mas pode criar algum desequilíbrio talvez.

Eu acho que a nossa proposta é, se existe uma situação na qual necessariamente deve ser tratado esse tema o CCWG como parte do processo de constituição pode tratá-lo, mas o outro lugar que existe para tratar esse assunto é uma boa presidência, para que então todos possamos escutar uma ampla diversidade das pessoas que estão falando e devo dizer também que houve muitos membros do GAC que participaram no CCWG, embora não fossem membros, então uma boa presidência talvez pode tratar de equilibrar as diferenças nas quantidades, os números, mas eu suponho que pode existir a situação na qual a pessoa queira limitar os números de participantes mas não como inclinação para o que fez, por exemplo, o CCWG até agora.

Não há nada de como deveria se organizar ou se isso foi um âmbito de sucesso ou falta de sucesso no CCWG, não temos prova como para mudar ou modificar essa situação.

JORGE CANCIO:

Boa tarde, meu nome é Jorge Cancio e eu sou representante perante o GAC da Suíça.

Eu estou vendo essa imagem, este slide, eu acho que é um passo a frente no que tem a ver com diversidade.

Talvez precisemos analisar com mais detalhe, mas eu acho que talvez também quando se mencionam os acordos que deveríamos fazer para diversidade, para apoiar a diversidade, poderíamos falar da transcrição, da tradução quando fossem necessárias, o apoio também do pessoal para ajudar aqueles que não falam ou escrevem em inglês como nativos, esse pode ser um dos pontos a levar em consideração.

Também não tenho certeza se a segunda aba branca que aparece depois da segunda preta também abrange a ideia de tentar garantir que tem sido relatores ou líderes no CCWG e também eu acho que devemos tentar refletir a diversidade da comunidade que está participando no CCWG.

Então não tenho certeza se isso fica incluído, essa ideia fica incluída ou não. Também espero que possamos responder opiniões da parte do meu comentário.

BECKY BURR:

É interessante o foco, o centro, estava colocado no ponto de que o trabalho não tinha referência a diversidade, mas eu acho que há um trabalho na comunidade neste momento em andamento dentro do âmbito de prestação de conta vinculado a diversidade e no relatório final podemos acrescentar uma observação que faça referência que o CCWG deveria aproveitar as vantagens de aprendizagem desse processo.

Eu acho que isso devemos falar porque é necessário o apoio a diversidade em termos de transcrição e tal, mas eu acho que é um bom ponto.

Pensei que era um comentário remoto mas não, é Sebastien.

SEBASTIEN BACHOLLET:Eu vou falar em francês. É um mau hábito, me desculpem.

Em primeiro lugar eu quero parabenizar aqueles que participaram nesse trabalho, porque eu acho que é realmente importante de considerar a questão da diversidade e ver essa situação logo do início e este é um grande passo e obrigado a todos que participaram mais uma vez.

A questão da diversidade é uma questão já tratada em diferentes ambitos da ICANN, é um assunto importante, há dados que foram publicados, há outros que devam ser reagrupados, mas se queremos ser eficazes o suficiente uma das coisas muito positivas do que os senhores falaram é que tem que existir uma decisão coletiva da eleição final dos membros do grupo de trabalho.

Se é vantagem que o presidente do GAC ou da diretoria fizessem eleição final, talvez vendo os candidatos disponível poderia ser feito um trabalho que incluísse a diversidade na constituição do grupo e mais um ponto para mencionar, na minha vida pessoal

quando organizei reuniões de usuários eu sempre procurava alguém que não fosse um especialista *top* na área e que tivesse um ponto de vista que fosse talvez um pouco externo a ser analisada, alguém talvez que estivesse por fora do assunto a tratar.

Então a longo e médio prazo todo mundo pode se preparar, não é? Não podemos pensar que a diversidade aparece logo, é claro que essa diversidade deve existir e as capacidades vão se adquirindo.

BECKY BURR:

Obrigado.

Eu acho que o senhor está falando de ter uma pessoa externa, uma visão externa, tem a ver com o que estava falando antes no começo, estamos aprendendo nesta discussão a ideia de ter uma diversidade de perspectiva e isso sem dúvidas nós levamos em conta.

Nós propomos ter um foco central a respeito da diversidade a partir de organizações estatutárias que consultam entre si e não propomos um presidente externo da diretoria nem um presidente do GAC que tenha que designar pessoas, não.

Isso não parece coerente com aquilo que a comunidade está apresentando, mas anotamos, tomamos nota dos seus comentários.

JOHN BERARD:

Eu acho que é importante tomar nota das sugestões e recomendações que estão se apresentando aqui.

Quando a comunidade tenta aproveitar as vantagens de uma discussão sobre a diversidade, que é o que estamos vendo agora em todas as partes da comunidade isso devemos utilizar para uma SO ou AC patrocinadora a responsabilidade de escolher os membros para o grupo intercomunitário, essa intenção de estabelecer a diversidade depois vai fluir de forma ascendente no grupo de trabalho intercomunitário e não chegar a uma imposição de uma parte por sobre a outra.

Estamos tentando aqui aproveitar esse impulso que está surgindo agora e não de criar uma coisa separada, essa é a nossa posição e na mesma linha o nosso percurso desses quatro temas segundo permite o tempo deveríamos falar também sobre o orçamento e dos recursos.

Eu devo admitir que o comentário mais preciso que recebemos sobre a elaboração do orçamento e de recursos da diretoria não foi a única fonte de comentário mas com certeza que foi aquele

que definiu melhor o assunto. O nosso âmbito de trabalho não tinha uma sugestão da necessidade de ter um orçamento ou recursos, como os senhores sabem a maioria dos grupos de trabalho intercomunitário não precisa mais que um apoio ou contribuição habitual.

Agora a necessidade de recursos adicionais foi uma questão mais exclusiva dentro do âmbito dos grupos de trabalho intercomunitário que são maiores e invisíveis e com os quais estamos familiarizados hoje, mas caso haja solicitações ou pedidos de orçamento há algum motivo o qual deveríamos utilizar o método fora dos canais que já existem no ciclo de orçamento da ICANN.

Então a abordagem do grupo de trabalho intercomunitário que consiste em aproveitar a vantagem dos mecanismos que já existem satisfaz o desenvolvimento do trabalho de grupos de trabalho intercomunitários no futuro?

BECKY BURR:

Desde que preparamos esses slides vimos muitas mudanças e avanços no processo de orçamentos, então esse slide aqui foi armado para o trabalho da área de trabalho número 2 dos CCWGs sobre prestação de contas.

Então talvez teria sentido adicionar ou acrescentar uma observação no relatório que indicasse que é razoável revisar se esses mecanismos funcionaram bem e se é necessário fazer algum ajuste perante um CCWG de grande escala que fique por fora do trabalho comum e habitual onde realmente se faz o trabalho, seja de forma remota, por ligações, pelas reações das instituições estatutárias que tratem sobre as questões de orçamento. Porque elas que decidem se tem as verbas dentro de suas necessidades.

Os senhores sabem que a ccNSO pode trabalhar com esse tema, podem recorrer a Mary para trabalhar com eles. Talvez isso faça sentido, eu não sei se tem mais algum comentário sobre orçamento.

JOHN BERARD:

Eu diria que esse é um passo a frente para o grupo de trabalho nessa matéria, porque não pensávamos que existir a necessidade de ter discussão, recomendações e comentários sobre a busca de recursos adicionais, mas, através dos comentários que recebemos da comunidade, pareceria que as nossas recomendações tinham que estar definidas de formas mais claras, em especial por todas as atividades que estavam em andamento nos grupo de trabalho maiores indicados a transição e a prestação de contas.

CHUCK GOMES:

Obrigado John, Becky.

Na última aba que aparece “na medida do possível” o temo “na medida do possível”, vou aproveitar o ciclo de orçamentos anual da ICANN, porque os tempos para o início do funcionamento do grupo de trabalho realmente são críticos.

O processo de elaboração de orçamento se realiza todos os anos, então se não considera em termos corretos as coisas podem se dificultar.

Eu gostaria de encontrar uma solução simples ou fácil mas não imagino agora qual, mas podemos pensar em um procedimento excepcional que pudéssemos ter para contingencias ou talvez existe porque geralmente no orçamento há alguns fundos para contingências, mas se isso se faz na hora errada passa muito tempo até poder acessar o ciclo novamente.

Eu vejo sim como está manifestada aqui, mas se não há flexibilidade incorporada ao orçamento isso poderia significar um problema, especialmente se o grupo de trabalho intercomunitário começa a trabalhar no momento errado.

JOHN BERARD: Obrigado Chuck. Isso significa que o trabalho intercomunitário vai precisar de recursos adicionais, não é?

A nossa expectativa é que no processo normal das coisas não haveria na extraordinário que fosse necessário considerar. Eu acho que os grupos de trabalho tem a participação das SOs de forma periódica ou talvez com cronograma irregular em forma das organizações estatutárias.

Então começamos pensando em um modelo de rotina, mas talvez a possibilidade de ter recursos adicionais e isso pode acontecer fora do ciclo normal, mas deveríamos tentar utilizar os processo que existem de forma mais frequentes possível.

Há alguma outra pergunta?

Vamos começar com Chris.

CHRIS DISSPAIN: Obrigado Alan. Muito obrigado. Duas coisas.

Os motivos porque eu estou tendo problemas é porque a quantidade de pessoas envolvidas e os prazos tendem a causar problemas, esse problema. Porque eu preciso estar envolvido presencialmente, ter mais reuniões extras, pagamentos envolvidos a Becky, etc.

Então eu renomearia essa questão da supervisão do CWG, CCWG, prestação de contas, eu chamaria por exemplo a Mack e talvez pensar que qualquer coisa que tem a ver com os mecanismos e os novos estatutos que estamos implementando, talvez isso não seja viável ou provável e talvez possamos incorporar algum processo, o que é bem claro aqui na situação atual a respeito do CCWG que estão agora em andamento e que devemos considerar algo, mas deveríamos pensar também no trabalho que está sendo feito na via de trabalho 2 que seria muito útil.

Sim, é verdade, estão certo, mas nem por isso deveríamos ter algum tipo de mecanismo para corrigir essas situações.

JOHN BERARD: Você está propondo então termos um grupo de trabalho intercomunitário empodeirado?

ALAN GREENBERG: Muito obrigado, sim, aqui vamos ver, aqui temos 2 coisas.

Como Chris acabou de indicar aqui temos o CWG, CCWG que tem como honorários advogados, contas muito, muito elevadas, vamos reconhecer isso e é um modelo não exclusivo par aos casos genéricos e há uma alocação de orçamento da GNSO para

cobrir as reuniões presenciais sobre PDP que poderiam ter em geral relação com as reuniões da ICANN.

Há um orçamento que é estabelecido anualmente e o conselho da GNSO decide se o cronograma de reuniões permite considerar isso, se há uma alocação monetária que permite isso.

É isso que estamos fazendo nos últimos anos, não sei se isso mudou, a Mary diz que mudou mas tudo bem.

O que me preocupa é que isso pode ser feito com uma verba especial para casos excepcionais, qualquer fórmula, mas o problema real é o controle do uso do dinheiro e nesse momento estamos manifestando que os copresidentes do CCWG deveriam prestar contas pela alocação de orçamentos ou talvez deveríamos dizer que os presidentes dos ACs ou SOs que são aqueles que fazem parte das organizações que constituem esses grupos são aqueles responsáveis por isso.

Não temos um mecanismo para controlar o que o CCWG faz, quem pode falar, julgar sobre a questão do consenso mas não dizem que algo não pode ser feito, então ninguém tem o controle, o dinheiro, a despesas uma vez que o dinheiro é alocado e como isso é controlado é uma questão que deve ser resolvida. Talvez deveríamos sancionar uma nova responsabilidade a presidente se copresidentes.

BECKY BURR: Obrigado Alan, isso é correto, é mais um mecanismo que agora está passando por ter responsabilidade as ambas as partes, as organizações constitutivas são aqueles que ocupam a presidência, vamos ver se isso dá certo.

ALAN GREENBERG: Não funciona mais? Tudo bem.

Sim, eu posso dizer de forma confidencial que houve muita pressão porque se os presidentes das organizações eles recebem responsabilidades, eles também devem receber as ferramentas necessárias.

Então há algumas preocupações aqui importantes.

JOHN BERARD: Mary quer fazer algum esclarecimento?

MARY WONG: Muito obrigada.

Só esclarecer isso para aqueles que não estão familiarizados com o que o Alan explicou para que isso fique na transcrição.

O financiamento para os grupos de GNSO começou como um projeto piloto e, portanto, era uma solicitação de orçamento

especial que foi estabelecida pelo conselho da GNSO como parte do ciclo de planejamento aumentaria regular da ICANN e isso é submetido a eficácia do mecanismo é testada, não é um montante enorme, não vai para todos os grupos envolvidos no seu PDP mas está baseado em um processo de seleção e também no fato de que devemos considerar que o grupo já chegou a uma fase no ciclo de vida em que pode ser necessário fazer uma reunião presencial e a diretoria aprova isso mas não cobre viagens, não é um montante importante, não cobre a participação de cada um dos participantes do grupo de trabalho e isso está incorporado no ciclo normal de orçamento da GNSO e eu vou adicionar outro comentário, quanto ao que disse Chris e Chuck, é difícil prever isso antecipadamente, a Becky também comentou isso. As organizações constitutivas teriam a possibilidade e a capacidade para decidir que tipo de mecanismo ou de informação ou prestação de conta deveriam implementar.

No processo anterior a elaboração das cartas orgânicas no documento solicitavam que as organizações contemplassem uma série de perguntas antes de ser um grupo de trabalho intercomunitário e uma dessas perguntas é se havia disponibilidade de recurso da ICANN e da comunidade que fossem suficientes para iniciar outro grupos e outra pergunta era se isso teria impacto no orçamento.

KAVOUSS ARASTEH: O intercomunitário tem um prazo e se tem, por exemplo, reuniões presenciais. Em algumas circunstâncias poderíamos pensar também em algum tipo de bolsa ou como *fellowship* devido as questões de diversidade dos membros. Temos membros que vem de um país que talvez não possam participar pela questão das despesas.

Muito obrigado.

JOHN BERARD: Muito obrigado por isso.

Eu quero mencionar aqui sem antes perguntar a meus colegas.

Não estamos sugerindo que haja algum limite quanto ao que deve ser feito, mas o trabalho essencial de um grupo intercomunitário começa com uma carta orgânica que pode ser aprovada por todos e durante a discussão para a redação pode surgir essa questão da necessidade ou desejo de incluir pessoas que, normalmente, não poderiam financiar as viagens e a pergunta é se isso pode ser feito, pode ser resolvido de alguma maneira.

Não queríamos impor regras, mas sim criar uma série de diretrizes para o grupo intercomunitário.

Os SOs ou ACs que solucionaram isso tem capacidade para sugerir, inclusive persuadir os outros parceiros uma série de características, não procuramos limitar aqui, só oferecer uma orientação, então aqui se isso for um elemento essencial para o grupo intercomunitário, se a diversidade é tão importante e exige que todos participem, inclusive aqueles que não podem, então eu acho que vão procurar achar isso para eles, mas isso baseado em um trabalho histórico nosso e isso estaria fora do nosso campo de visão.

Mais uma pergunta e depois vamos passar para o assunto seguinte.

ASHWIN:

Muito obrigado, Ashwin da Indonésia.

Isso sobre o primeiro e segundo e talvez *okay* para o terceiro e enquanto ao grupo de trabalho, talvez deveríamos considerar essa possibilidade de fortalecer o grupo de trabalho intercomunitário em nível regional e nacional.

Agora temos o grupo intercomunitário internacional, mas talvez poderíamos fortalecer os grupos intercomunitários nacionais e eu tenho a certeza de que o GAC sempre pode facilitar isso.

Não digo que seja líder ou lidere, mas que seja uma moderadora ou facilitadora e que talvez possamos ter um grupo

intercomunitário mais global ainda e nós na Indonésia estamos já debatendo isso e é muito provável que na próxima reunião IGF no México, não me lembro bem dos meses, a Indonésia vai apresentar essa ideia, temos organizações multissetoriais internacionais então talvez deveríamos ter para fortalecer essas organizações multissetoriais internacionais, talvez ter também grupos intercomunitários e termos um novo sistema de organizações internacionais.

Nós teríamos diferentes grupos OIGs, como a organização mundial do comércio, as ICRC, a Cruz Vermelha e talvez para a próxima poderemos fortalecer a organização da internet para todas as pessoas, mas também deve ser restritiva em diferentes níveis e devemos fortalecer também o regional e nacional e essa é uma questão que deixo aqui para conversar e que talvez possa ser debatida no grupo de trabalho para esta causa dos grupos intercomunitários.

BECKY BURR:

Muito obrigada, é uma ideia muito interessante.

Sim, nós aqui temos os sistemas das RALOs e é que muito importante para engajar as pessoas no nível local ou regional e, pelo que eu entendo, a ICANN juntamente com outras organizações, estão realmente procurando encontrar uma resposta a essa questão sobre tomada de decisões de forma

remote e realmente estamos tentando facilitar isso, que necessariamente se trataria de fortalecer os processos nacionais, locais, então novamente eu acho que a sugestão é muito boa e que isso nos leva um pouco fora da nossa incumbência aqui, mas podemos anotar isso, esse comentário e eu sei que a ICANN tem uma iniciativa para levar em conta todas essas questões, observar essas questões, como evitar que todos devam voar, atravessas diferentes continentes e tal. A questão das comunicações.

Agora vou passar ao seguinte assunto que tem a ver com o consenso e a pergunta sobre questão se há necessidade de mudar a metodologia de sugestão para determinar se há consenso ou não há consenso.

Então, uma das coisas interessantes sobre o consenso é que há diferentes grupos dentro da ICANN que tem descrições mais ou menos elaboradas sobre o que significa consenso para elas, por exemplo, na ccNSO nós seguimos uma regra de consenso muito simples, basicamente perguntamos as pessoas concordam, mais ou menos, essa definição é mais ou menos ninguém quer morrer numa vala para evitar a existência de uma proposta X.

Essa seria um pouco a regra quando dizemos que concordamos, mas também temos, em outros casos, uma decoração muito mais elaborada sobre o que é consenso completo, quando há

uma posição minoritária ou quando há ausência de objeção ou consensos também que uma pequena minoria não concorda, a maioria concorda, diferentes modalidades que permitiriam obviamente para perspectivas de minorias, etc. Se os presidentes não conseguem determinar se o consenso existe, há consenso sobre uma questão ou não, as organizações constitutivas então ficariam envolvidas para ver se podem aceitar essa brecha, essa diferença ou não.

Então em alguns dos comentários que recebemos sugeriu que precisamos ter mais detalhes sobre como seria o consenso, padrões muito claros, por exemplo, quem está envolvido para o consenso, os membros, os participantes ou não.

Também quando fazemos chamadas para obter consenso, o equilíbrio do ponto de vista regional e ter o balanço mais para certos grupos que participam mais do que outros, encontrar certo equilíbrio então para determinar se há consenso ou não há consenso e talvez voltar a esse tipo de opiniões atribuídas.

Há outros comentários também que tem a ver com a capacidade dos grupos de bloquear o consenso objetando e isso novamente nos leva um pouco a pessoas muito comprometidas que sempre estão objetando e ver até que ponto continuamos discutindo uma coisa antes de determinar se há consenso ou não também.

A nossa conclusão foi que nós pensamos que as preocupações realmente são resolvidas através de outras recomendações e que o consenso tipicamente, a maneira em que chegamos a consenso tem existido em um passado e no CCWG e CWG e nos outros grupos intercomunitários realmente nós temos tentado aproximar-nos aos consensos em que ninguém estivesse irritado com uma decisão ou contra ou sendo muito veementes.

Isto é, identificar o consenso de uma maneira mais informal e a discussão nas recomendações do marco de recomendações menciona isso e menciona a necessidade de pensar como vai ser o *standard* sobre isso e como vamos fazer as convocatórias a consenso e é a nossa condição esteve baseada em uma revisão que segundo a qual não precisamos mudar a recomendações, podemos ter uma decisão e ver como determinamos consenso e ver o que vamos fazer se não conseguimos identificar o consenso sobre um aspecto particular, talvez seja uma questão coletiva.

Então fica aberto o piso aqui para comentários, devemos ver se as pessoas têm alguma posição mais rígida, especificar o que eles acham e ainda estamos na curva de aprendizagem e a forma correta é proceder e continuar desenvolvendo e identificar os processos em andamento e continuar dessa maneira.

Jorge primeiro.

JORGE CANCIO:

Obrigado por ter novamente a palavra e peço desculpa por voltar a um assunto que eu sugeri num período de comentários públicos, mas eu acho que é importante e também é uma coisa que, pelo menos pra mim, faz parte do processo de aprendizagem no CCWG, isso é uma coisa que também poderíamos aprender em outros grupos, outros fóruns. Tem a ver com a ideia de que o consenso, do meu ponto de vista, também precisa de um apoio positivo.

Definir o consenso em termos negativos como ausência de uma pequena minoria ou ausência total de minoria leva a alguns perigos, porque existe a possibilidade de que uma pequena minoria leve adiante um processo, porque tem mais recursos ou porque tem interesses diretos que são maiores, porque estão mais preparados e eles então são os que concretizam ou assumem uns assuntos.

Pode existir uma maioria dos membros do grupo que não queira arriscar a vida para liderar uma minoria, então o que fazem é aceitar, mas pode existir uma minoria que se oponha, mas, segundo a definição, se trata-se de 1 ou 2 haverá consenso, mas segundo a direção do processo isso pode se transformar em

uma pequena minoria, que são aqueles que fazem as perguntas e a maioria fica em silêncio.

Não temos, então, que impor pela força sobre engenharia de todas as normas, mas sim incluir a ideia de que pode haver algum tipo de, não sei se votação, ou diferentes formas ou meios que também utilizamos no CCWG, como para saber se, em algum momento, não se trata apenas de uma coisa que se implementa pela força por uma minoria, mas que é aceito de forma passiva por uma maioria que talvez não quer morrer na tentativa, mas que é isso, eu acho que o que devemos manifestar que se manifeste realmente o apoio.

JOHN BERARD:

Obrigado pelos comentários, talvez estamos atacando a validade das recomendações porque vamos uma por uma mas na verdade é um grupo sistemática de peças e contrapeças para evitar precisamente esse tipo de captura pelos grupos que o senhor menciona.

O fato de que as organizações constituintes possam entrar em acordo numa carta orgânica e que existe a possibilidade de gerar um grupo específico de membros ou uma organização constituinte que se preocupa por esta captura pode sugerir então um número de membros menor, 3 e não 5, ou então 5 e não 10.

Então a ideia seria ter um equilíbrio dentro das deliberações que leve a um consenso e se não é possível chegar um consenso também pode existir um resultado razoável do trabalho do grupo de trabalho intercomunitário, nós temos que pensar que sem chegar a um consenso é igual a um trabalho, porque talvez possamos chegar a um ponto no qual todos sabemos do que estamos falando e de forma satisfatório para todos.

Então a ideia é que existam esses pesos e contrapesos para que uma parte única não seja um problema para o processo totalmente em termos gerais.

KAVOUSS ARASTEH:

Obrigado.

Eu acho que não devemos complicar nossa vida. Se vamos muito no detalhe vamos ficar de mãos amarradas e isso é muito importante, porque eu trabalhei sobre esse tema no ICG.

Havia centro de correios eletrônicos que finalmente se chegou a um processo de construção do consenso, sem chegar a muitos detalhes, porque se falamos de minorias o que significa uma minoria? Porque temos que colocar uma minoria, o senhor fala de uma minoria pequena, aqui incorporamos outra dificuldade, porque podemos esperar que geralmente a decisão seja tomada por conta das pessoas e tal, mas se acrescentamos cada vez

mais coisas e falamos de líderes e presidentes e tentamos minimizar esses elementos em uma discussão em definitivo é bom fazer uma declaração e se trata disso e não podemos chegar aos casos em que faça um grupo particular que freie o processo e não se faça consenso e aí para tudo, então eu acho que isso é um risco enorme.

JOHN BERARD: Passo a palavra para Chuck.

CHUCK GOMES: Muito obrigado novamente.

Eu estou de acordo, apoio a ideia dos senhores, que os senhores estão propondo.

Becky, eu acho que a senhora disse uma coisa muito certa e John, o senhor confirmou de alguma forma.

Há muitos outros tipos de mecanismos, muitos processos propostos que poderiam encaixar aqui e nos ajudar a chegar em um equilíbrio, em última instância no grupo de trabalho intercomunitário, seja lá o que faz esse grupo, tem que passar pelas organizações estatutárias para a sua aprovação. Então aí temos um sistema de equilíbrio. John, o senhor também mencionou esta ideia.

Uma coisa que é importante, estamos pondo que muitas vezes, ou muitas vezes supomos que não chegar a um consenso é ruim, isso significa que não há suficiente grau de acordo, o consenso não tem que ser igual uma maioria simples.

Nós não queremos fazer as coisas simples com consenso porque queremos que o grupo de trabalho continue trabalhando para chegar a um maior grau de acordo, fazer modificações para que se chegue a esse maior nível de acordo, então deve sim ser uma motivação para melhorar. Apoio o que o senhor disse.

JOHN BERARD:

Outra recomendação que existe daquilo que não falamos é que deve existir maior comunicação persistente entre as organizações constituintes e os membros que fazem parte do grupo de trabalho intercomunitário para que possa existir maiores consultas em contraposição a simples comentários no final que diga nós estamos de acordo ou não.

Nessa consulta podemos inclusive incluir uma maior cooperação ou influência, então eu fico tranquilo de que os melhores aspectos dessas recomendações, inclusive perante ausência da conformidade da comunidade, é esse sistema de equilíbrios que ajudam a guiar o processo para um final bem sucedido, seja com consenso ou não.

Deveríamos passar agora a seguinte sessão, passemos ao seguinte slide. A sessão 4.

Somos respeitosos ao fato de que esse processo pode parecer muito novo, a possibilidade de que as recomendações do grupo de trabalho intercomunitário, ou para melhor dizer, que levamos em conta que o marco preliminar é uma área na qual a comunidade não tem muita experiência sobre a qual se basear, então estando implementando as recomendações no âmbito proposto tem maior grau de detalhe que faz as recomendações, então buscamos incorporar a política nos guias de implementação para que as coisas possam ter o que não tinham.

Se isso fosse útil gostaríamos de aproveitar se o grupo de trabalho intercomunitário considerar que é necessário se envolver na implementação tem que existir já parte disso feito do começo e se há acordo isso tem que estar acordado logo de início para que possa participar na implementação.

O fato de que esse é uma atividade relativamente nova com maior senso da atenção e as recomendações adicionais do grupo de trabalho intercomunitário são suficientes como guia ou alinhamentos para futuros grupos de trabalho intercomunitários, o que nós fazemos aqui ajuda outros para o futuro para que eles tenham sucesso também?

BECKY BURR:

O que contemplamos aqui é o que esperam quando o senhores conformam o grupo, deveria existir um começo e final do processo, claro que com um desenvolvimento no meio, não será um grupo de trabalho que continuará por sempre, se precisarmos de uma coisa sim ai sim deveríamos analisar com cuidado se há o formato que corresponde aplicar o CCWG para chegar a um consenso sobre algumas questões em contraposição com a implementação.

Então no transcurso normal das coisas falamos de chegar a um consenso, reafirmando ou incorporando os alinhamentos de políticas e de implementação e colocando fim ao trabalho do CCWG quando ele chega ao ponto final natural.

Entendemos que em alguns casos pode existir a necessidade de que exista uma supervisão da implementação, mas o que sugerimos é que se torne importante considerá-lo do começo, ou seja, incorporar ao plano ou aos documentos que nós implementamos, para que não seja depois, como se diz, ah, não acabamos o nosso trabalho, mas incorporemos no trabalho de política que estamos fazendo.

Esse é o tipo de coisa que nos gera problemas e não nos permite chegar a um ponto final, esse é o objetivo da nossa recomendação.

Chris levantou a mão?

CHRIS DISSPAIN:

Desculpe-me, não funcionou o microfone.

Eu suponho que aqui falamos das recomendações que vão as organizações estatutárias que depois são aprovadas para essa implementação por parte do pessoal e me preocupa um pouco que se falamos de um CCWG que vai acompanhar ou cumprir um tipo de modelo com uma quantidade de membros relativamente pequena mas também com uma participação aberta mais ampla, cada vez que se dá um passo para implementação não estamos falando de custos mas sim da logística, então ai vai ter que existir uma reunião.

Eu me perguntou se não seria uma melhor forma de dizer que se o CCWG recomenda as organizações constituintes que estabeleçam grupos de supervisão para implementação que seja menor que o CCWG se isso não seria uma boa opção.

Este grupo, especificamente, se encarregaria de supervisionar os problemas e não prolongar a existência do CCWG que talvez possa ter existido por uma questão de interesse que isso tem a respeito de um tema e não porque tem a agilidade da implementação dele.

BECK BURR: Isso eu acho que é uma boa observação para levar em consideração, isso é realmente como nós fizemos, foi a forma que nós trabalhamos.

Sempre devemos ter em conta a forma de implementação e ela deve ser eficiente, talvez aqui estamos tentando não estender esse trabalho para sempre.

Talvez algum comentário de Kavouss?

JOHN BERARD: O que Chris diz é exato é igual a conclusão que nós chegamos, é improvável, ou talvez possa ser provável, mas é improvável que seja necessário um trabalho posterior a implementação de parte do trabalho intercomunitário, mas se fosse esse o caso uma quantidade mais reduzida de pessoas poderia ocupar-se desse trabalho para depois ver qual é a discussão, qual a melhor forma de avançar mas do ponto de vista da probabilidade da improbabilidade de que existam nossas atividades eu acho que vai ser mais improvável do que provável.

KAVOUSS ARASTEH: Eu acho que isso também foi discutido de alguma forma, eu acho que não é efetivo conforme os custos e que aquele que desenvolve a recomendação seja responsável, participe de implementação, mas pode existir a necessidade de contar com

algum tipo de monitoramento ou supervisão como queiram chamar, durante um período breve para ver se foi entendida ou não.

Um exemplo disso foi o CCWG sobre prestação de contas que emitiu recomendações e queria convertê-las em disposições de natureza legal e queria ter um período breve para ver se durante a implementação havia perguntas, surgiam coisas para esclarecer e que houvesse um período curto de esclarecimento e não pra sempre.

JOHN BERARD:

Há um comentário de Alan.

ALAN GREENBERG:

Considerando novamente os grupos de CCWG sobre prestação de contas e o CWG sobre transição da IANA como casos ou como exemplos de prova a experiência com outros grupos de trabalho demonstrou que as pessoas perdem o interesse muito rápido e as vezes é difícil encontrar suficientes pessoas que façam parte do grupo de revisão.

Eu acho que a preocupação não seja sempre que vá ser muito grande que não possa comandar, eu acho que se comanda a si mesmo.

Também não acho que possa ser muito oneroso e que possa replicar o que acontece aqui, mas tenho minhas dúvidas.

JOHN BERARD: Obrigado pelo exemplo prático, não sei se há outros exemplo, passamos o comentário para Chuck.

CHUCK GOMES: Eu tentarei ser breve, como os senhores sabem eu apoio essa sub aba quanto aos critérios gerais para implementação das políticas porque eu fui copresidente desse grupo, mas talvez quando fazemos assim e quando vejo as seguintes pode aparecer alguma incoerência porque esses equipamentos de implementação supõem uma possibilidade de continuidade, quando não temos um grupo de implementação, IRT ou uma equipe de revisão de implementação recomenda-se que se estabeleçam alguns coordenadores de *liaisons* para que se continue com a recomendação inicial, então talvez possamos voltar e redigir de novo essa segunda aba, porque a suposição é que esses guias de implementação de políticas tem uma conexão, tem que existir uma conexão entre o desenvolvimento e a implementação, mas eu acho que não estão manifestados assim.

Eu suponho que deve existir uma conexão necessária.

JOHN BERARD: O senhor sugere que isso é redundante?

CHUCK GOMES: Não, estou dizendo que a segunda aba tal como está redigida não seria coerente com os guias de política de implementação.

Eu acho que a intenção da segunda aba possivelmente seja correta, mas não me parece que exista coerência.

JOHN BERARD: Muito bem, então agora vamos passar esse tema a quem se ocupa de redigir.

Agora antes de fazer o recesso e de encerrar a sessão quero saber se há comentários sobre algum tema que tratamos aqui.

Sebastien? Steve?

Muito bem.

STEVE METALITZ: Obrigado.

Eu quero mencionar uma coisa em especial, estava revisando o documento e encontrei uma parte que é um pouco confusa e eu

incentivo a que revisem, 3.4 sobre a tomada de decisões e encerramento.

Ali se faz referência ao que se supõe que devem fazer ou podem fazer as organizações estatutárias uma vez que finalizou o trabalho da CCWG, parece dizer que há...